CORREIO BRAZILIENSE

RUY FABIANO

Ponto de Vista

10 DEZ 1991

Visão cáustica

A influente revista inglesa ***The Economist*** *— uma espécie de bíblia dos investidores e chefes de Estado do Primeiro Mundo — publica, em sua edição desta semana, desfavorável e minuciosa análise sobre a crise brasileira. Não é a primeira, diga-se; e provavelmente não será a última. E a matéria vale menos pelo que diz — que não chega a ser original — e mais pelo universo qualificado de leitores que alcança: basicamente, os credores do Brasil.*

Na mesma linha de orientação de matérias análogas, publicadas nos últimos dois anos com crescente frequência na imprensa estrangeira, ***The Economist*** *constata que o Brasil vive formidável decadência econômica, comparativamente desvantajosa mesmo em relação a seus vizinhos de Continente. Também aí, nada de novo.*

O aspecto mais interessante — e possivelmente o menos agradável do ponto de vista do governo brasileiro, às vésperas de um acordo com o FMI — é que a revista atribui a crise não propriamente a um problema estrutural, técnico, mas ao próprio Governo. Segundo ela, o que está entre o Brasil e as taxas de crescimento dos países recém-industrializados da Ásia é simplesmente "um governo medíocre". A revista, sem poupar Collor, lembra que parte dessa sinistra conjuntura foi herdada dos governos anteriores, especialmente os de Figueiredo e Sarney.

Lembra que, na década dos 80, enquanto diversos países do Continente — e cita Chile, Bolívia, Venezuela, Argentina, Peru e Nicarágua (!?) — tentavam corrigir erros do passado, assimilando procedimentos da cultura de mercado, o Brasil dedicava-se, com impressionante zelo, a aprofundar aqueles mesmos erros. Entre eles, o excesso de regulamentação na economia, o gigantismo estatal (matriz da corrupção desenfreada) e os mecanismos protecionistas de mercado (dos quais, diga-se, o Primeiro Mundo, embora a eles se refira com desdém, cuida de mantê-los em causa própria).

A revista, nesse particular, é imprecisa, para não dizer injusta. O Brasil, como é óbvio, não errou solitariamente. Se hoje alguns dos países citados como exemplos equacionaram razoavelmente suas dificuldades, é porque, além de tê-las em menor dimensão e complexidade, obtiveram apoio político externo decisivo. Mas esse não é o ponto central. Ao atribuir ao governo Collor — especificamente à figura do Presidente da República — a responsabilidade pela perpetuação da crise, a revista acaba sugerindo subliminarmente que a luz no fim do túnel depende da mudança de comando no País, isto é, do próximo Governo. Há ironias pesadas. Collor é mostrado como um inexperiente, inteiramente despreparado para a missão de que está investido. Alguém que, nos tempos de sua formação acadêmica, perseguia garotas e levava vida de ***playboy.***

A crise brasileira, pois, estaria confinada em perverso círculo vicioso: de um lado, Collor e suas limitações; de outro, a fragilidade das estruturas políticas de uma democracia imberbe. Apesar do teor cáustico da análise, a revista diz que o Brasil sairá da crise. Sendo esta causada pelo Governo — e não sendo este perpétuo —, há salvação. E conclui: o Brasil não está "doente": está "bêbado".